

08

Semântica e sintaxe das orações interrogativas com o quantificador *quão* no português contemporâneo

Telmo Mória
Universidade de Lisboa

Resumo_ Este trabalho faz uma análise gramatical, semântica e sintática, das orações interrogativas (num sentido lato que abrange também as chamadas orações exclamativas subordinadas) com o morfema *quão* no português contemporâneo. Discute o valor semântico de *quão* como quantificador de graduação, explorando a diversidade de categorias a ele que se aplica: adjetivais, adverbiais, prepositivas e quantificacionais. Analisa a estrutura interna das orações com *quão*, considerando a diversidade de formas dos constituintes-Q que as encabeçam. Refere a variação na forma do quantificador (*quão* vs. *o quão*), a compatibilidade com a inserção de *é que* e a competição entre *quão* adjetival e *quanto* adverbial. O trabalho é orientado para a análise do uso contemporâneo, nas variedades padrão do português europeu e brasileiro, e para o registo de diferenças nesse uso. São usados sistematicamente dados de extensos *corpora* de texto jornalístico. O número de registos dos diferentes subtipos sintático-semânticos de orações com *quão* nesses *corpora* é contabilizado e apresentado em cinco quadros.

Palavras-chave_ *quão*; orações interrogativas; orações exclamativas subordinadas; quantificação de graduação; variação linguística.

Índice_ 1. Introdução. 2. Oações interrogativas com *quão* – análise gramatical. 2.1. O quantificador interrogativo *quão* em *corpora* de texto jornalístico. 2.2. Contextos de ocorrência, variação na forma do quantificador e compatibilidade com *é que*. 2.3. Valor semântico e distribuição do quantificador interrogativo *quão*. 2.4. A estrutura interna das orações interrogativas com *quão*. 2.4.1 Movimento-Q de sintagmas com *quão* aplicado a expressões adjetivais. 2.4.2. Movimento-Q de sintagmas com *quão* aplicado a expressões adverbiais. 2.4.3. Movimento-Q de sintagmas com *quão* aplicado a expressões prepositivas. 2.4.4. Movimento-Q de sintagmas com *quão* aplicado a quantificadores. 2.5. A factividade nas interrogativas indiretas com *quão* – genuínas interrogativas vs. interrogativas-exclamativas. 3. Competição entre *quão* adjetival e *quanto* adverbial. 4. Conclusões. Referências bibliográficas.

Semantic and syntactic analysis of *quão*-interrogative clauses in contemporary Portuguese

Abstract_ This paper discusses the semantics and the syntax of interrogative clauses (in a broad sense that encompasses the so-called subordinate exclamative clauses) with *quão* ('how') in contemporary Portuguese. It assesses the semantic value of *quão* as a quantifier over degrees, exploring the diversity of categories to which it applies: adjectival, adverbial or prepositional phrases, and quantifiers. It analyses the internal structure of *quão*-sentences, considering the variation in their sentence-initial wh-constituents. It looks at differences in the form of the quantifier (*quão* vs. *o quão*), at the compatibility with the focus-like phrase *é que* (typical of interrogative clauses), and at the competition between adjectival *quão* and adverbial *quanto*, both counterparts of English *how*. The work is centred on the analysis of contemporary usage, in the standard varieties of European and Brazilian Portuguese, and records differences between these two varieties. Data from extensive corpora of newspaper texts is used systematically. The number of different syntactic-semantic clause subtypes in these corpora is recorded in five tables in the paper.

Keywords_ *quão* ('how'); interrogative clauses; subordinate exclamative clauses; gradation; language variation.

Contents_ 1. Introduction. 2. Interrogative sentences with *quão* – grammatical analysis. 2.1. The interrogative quantifier *quão* in corpora of newspaper texts. 2.2. Contexts of occurrence, variation in the form of the quantifier and compatibility with *é que*. 2.3. Semantic value and distribution of the interrogative quantifier *quão*. 2.4. The internal structure of interrogative clauses with *quão*. 2.4.1 Wh-movement of phrases with *quão* applied to adjectival expressions. 2.4.2 Wh-movement of phrases with *quão* applied to adverbial expressions. 2.4.3 Wh-movement of phrases with *quão* applied to prepositional expressions. 2.4.4 Wh-movement of phrases with *quão* applied to quantifiers. 2.5. Factivity in indirect interrogatives with *quão* – genuine interrogative clauses vs. interrogative-exclamative clauses. 3. Competition between adjectival *quão* and adverbial *quanto*. 4. Conclusions. References.

Telmo Móia. Orcid 0000-0002-0288-2604. tmoia@letras.ulisboa.pt. Universidade de Lisboa (Departamento de Linguística Geral e Românica / Centro de Linguística). Portugal.

Este trabalho foi financiado com verbas do projeto estratégico do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa UIDB/00214/2020.

1.

Introdução

Este trabalho ocupa-se da descrição sintática e semântica do quantificador interrogativo *quão*, que pode ocorrer quer em interrogativas diretas, como (1), quer em interrogativas indiretas, como em (2) e (3) (tendo, neste último caso, uma variante locucional, *o quão*):

- (1) Quão difícil será aprender mandarim?
- (2) Pergunto-me *quão difícil será aprender mandarim*.
- (3) Não sei *quão longe conseguiremos ir*.

Considera ainda, conjuntamente, o quantificador *quão* que ocorre em orações subordinadas como (4). Trata-se de estruturas afins das interrogativas subordinadas como as de (2) e (3), que alguns autores preferem classificar como exclamativas, mas que serão aqui referidas com uma forma de interrogativas *lato sensu*. Distinguem-se por estar-lhes associadas uma implicatura (escalar) como a indicada a seguir a (4).

- (4) Eu não tinha bem a noção de *quão difícil é aprender mandarim*.
Implicatura: é (muito) difícil aprender mandarim.

Na tradição gramatical portuguesa, *quão* é classificado como um advérbio de quantidade (de intensidade, na tradição brasileira), a par de, por exemplo, *muito*, *pouco*, *mais*, *menos* ou *tão* (cf. e.g. Figueiredo & Ferreira, 1973 [1965]: 281; Cunha & Cintra, 1984: 539). Esta classificação não capta dois aspetos essenciais da semântica deste operador: a sua pertença à vasta classe dos quantificadores, a par de muitas outras expressões que não são advérbios, e, crucialmente para as questões que aqui interessam, o seu carácter de morfema interrogativo, partilhado com os itens tradicionalmente integrados na classe dos pronomes interrogativos. Note-se que a classe dos pronomes interrogativos inclui um quantificador, de origem aliás comum a *quão*¹, *quanto*, que se aplica adnominalmente, em frases como *não sei quanto apoio lhe deram*; a forma homónima *quanto* aplicada a constituintes verbais classifica-se também tradicionalmente como advérbio de quantidade –cf. *não sei quanto se esforçaram*.

Adicionalmente, na descrição gramatical das orações interrogativas – frequentemente feita em associação apenas à classe dos pronomes interrogativos *lato sensu* (*que*, *o que*, *qual*, *quem*, *quanto* e ainda o grupo *onde*, *como*, *quando* e *porque*, que algumas gramáticas autonomizam como advérbios interrogativos) – não há menção de *quão*. É o que acontece, por exemplo, nos capítulos sobre orações interrogativas de três gramáticas de referência relativamente recentes: *Gramática da língua portuguesa*, de Maria Helena Mira Mateus *et al.* (cap. 12.3; Brito, 2003), *Nova gramática do português brasileiro*, de Ataliba de Castilho (cap. 8.2.2; Castilho, 2010), *Gramática do português*, organizada por Eduardo Paiva Raposo *et al.* (cap. 48.3; Barbosa, Santos & Veloso, 2013 / cap. 36.2.2; Barbosa, 2013).

Observa-se ainda que o registo lexicográfico de *quão* é extremamente pobre, sendo-lhe associados normalmente verbetes muito curtos e incompletos, que não destacam, além disso, o seu valor interrogativo. Por

1 Cf. Williams (1975): “[...] *tão* e *quão* não provêm de *tam* e *quam*, mas antes são formas apocopadas de *tanto* e *quanto* (PhM, I, 251; Comp, 362, n. 2; Hanssen, §12, 5)” (sendo os autores das três as referências bibliográficas citadas nesse excerto Leite de Vasconcelos, J. J. Nunes e Friedrich Hanssen).

exemplo, o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa, de 2001, apenas refere o valor exclamativo de *quão*, referindo: “Usa-se geralmente em frases exclamativas e seguido de adjetivo ou de qualquer palavra com função adjetival, para enfatizar uma qualidade, o grau ou a intensidade de alguma coisa, sendo parafraseável por «até que ponto».”

Não conheço dicionários ou gramáticas que destaquem explicitamente o valor interrogativo de *quão*. Este é especialmente evidente em orações matriz como (1) ou (5), mas também se observa em orações subordinadas como (2)-(3) ou (6). Os exemplos em (5) e (6) foram extraídos de texto jornalístico português (alíneas *a*) e brasileiro (alíneas *b*).

- (5) a. “*Quão rapidamente* é preciso completar o projecto? Quais são as limitações financeiras?” (CETEMPúblico, ext919780-com-98b-1)
b. “*Quão grande* é a diferença entre negros e brancos?” (NILC/São Carlos, par=Mais--94a-2)
- (6) a. “A Origin soube [...] deixar ao jogador a decisão final [...], permitindo que se defina *quão belicosos* são os mutantes (de zero a 100) [...]” (CETEMPúblico, ext426337-clt-soc-94b-1).
b. “O equilíbrio das contas públicas é [...] crucial quando se trata de avaliar *quão sustentável* é a estabilidade econômica” (NILC/São Carlos, par=Opinião--94a-1).

No que respeita às orações interrogativas indiretas com *quão*, coloca-se centralmente a questão da sua distinção das orações exclamativas. Vários autores observam, aliás, que o valor interrogativo e o exclamativo são excepcionalmente próximos em orações subordinadas². Na literatura, foi proposta uma classe, que não faz parte da tradição gramatical portuguesa, de exclamativas subordinadas, na qual se integrariam muitas das orações subordinadas com *quão* (cf. Quadro 3, adiante), como a de (4) acima. Para o português, essa análise, proposta por Elliott (1971) para o inglês (em frases com *how* e *what*) e muito desenvolvida em Grimshaw (1979) e Huddleston (2002), é adotada por Barbosa, Santos & Veloso (2013), que apresentam vários exemplos com *quão*: e.g. *o Pedro sabia quão zangada ela estava* (p. 2567)³. Em frases deste tipo, ao contrário dos exemplos apresentados em (2)-(3) e (6), existe o que designarei como uma “implicatura factiva”⁴, mais concretamente é implicada a verdade da proposição subjacente à interrogativa, com um valor de quantificação no predicado adjetival ou adverbial relevante que é tipicamente “forte”, isto é, parafraseável por *muito* A’ ou *muito* ADV, mas pode às vezes ser neutro, isto é, parafraseável pelo adjetivo ou advérbio no “grau normal” (ou ainda indefinido

2 Em orações matriz, os valores interrogativo e exclamativo são mais fáceis de distinguir: as frases relevantes estão tipicamente associadas a atos ilocutórios distintos e são normalmente sinalizadas com pontuação distinta (ponto de interrogação ou ponto de exclamação, respetivamente). Neste trabalho, não considerarei o uso genuinamente exclamativo de *quão*, associado a atos de fala expressivos em exclamativas matriz, como em *Quão gentil (que) ela é!*

3 A análise também é adotada para o espanhol (cf. e.g. Suñer 1999, Alonso-Cortés 1999). Alonso-Cortés (1999: 4011) dá exemplos de orações exclamativas subordinadas con *qué*, um morfema que se aplica a expressões adjetivais e funciona tipicamente como a contrapartida de *quão* nessa língua: *Ya sabes qué aficionado es Pedro a los mariscos*.

4 Os autores que defendem a consideração autónoma de uma classe de exclamativas subordinadas salientam sempre a presença de informação deduzida como um aspeto semântico-pragmático distintivo da classe: Grimshaw (1979: 282) fala numa “implication”; Zanuttini & Portner (2003) falam numa “implicatura convencional escalar” (e na presença de factividade): “Exclamatives introduce a conventional scalar implicature to the effect that the proposition they denote lies at the extreme end of some contextually given scale. [...] this aspect of its meaning can be labeled an implicature because it goes beyond the sentence’s truth-conditional meaning. It must be a conventional, rather than a conversational, implicature because it is nondefeasible (...) and detachable (...)” (p. 47); Barbosa, Santos & Veloso (2013: 2567), seguindo os últimos autores, falam numa “implicatura (ou implicitação) escalar”.

entre o neutro e o forte). Para a frase acima, a implicatura seria: “ela estava (muito) zangada”. Vejam-se mais dois exemplos, de texto jornalístico português, em (7), e brasileiro, em (8):

- (7) “Quem já assistiu à matança de um porco [...] *saberá quão cruéis* são os métodos utilizados [...]” (CETEMPúblico, ext584720-opi-98b-1)
Implicatura: os métodos utilizados são (muito) cruéis.
- (8) “Revelar a origem humana das [...] práticas que a sociedade considera naturais é *mostrar quão antinaturais* elas são [...]” (NILC/São Carlos, par=61128)
Implicatura: as práticas que a sociedade considera naturais são antinaturais.

Uma hipótese que creio merecer consideração é a manutenção destas orações com *quão* – que os autores referidos classificam como exclamativas subordinadas – na classe das interrogativas *lato sensu*, criando uma subclasse que poderia ser designada como “interrogativas indiretas com implicatura factiva”, “interrogativas indiretas com valor exclamativo” ou simplesmente “interrogativas-exclamativas”. Recorde-se que a designação tradicional de “orações interrogativas” tem já um sentido muito amplo, que abrange na realidade qualquer proposição com uma variável livre (sinalizada por um morfema-Q, no caso de interrogativas-Q, como as que usam *quão*)⁵. A questão da classificação de orações subordinadas do tipo de (7) e (8) é, porém, complexa e não pode ser aqui desenvolvida. Em todo o caso, a sua designação como interrogativas ou como exclamativas (e, por extensão, do morfema *quão* que nelas ocorre como interrogativo ou como exclamativo) não é essencial para as questões em discussão neste trabalho.

Por facilidade, referirei tanto o morfema *quão* de frases como (1)-(3) e (5)-(6), que representa uma variável completamente livre numa fórmula proposicional, como o morfema *quão* de frases como (4) e (7)-(8), em que há uma implicatura escalar e factividade, como interrogativos (por vezes, interrogativos *lato sensu*, por clareza). Se for necessário distingui-los, usarei as designações “genuinamente interrogativo” e “interrogativo-exclamativo”, respetivamente. Mas note-se que se o segundo tipo for designado simplesmente como exclamativo nada de significativo se altera. Este trabalho abrange os dois usos de *quão*, o genuinamente interrogativo observável em interrogativas diretas e indiretas, e o interrogativo-exclamativo observável apenas em interrogativas indiretas.

O uso contemporâneo do morfema interrogativo (*lato sensu*) *quão* está insuficientemente estudado. Pretendo aqui contribuir para esse estudo, partindo da observação do registo escrito jornalístico português documentado no *corpus* CETEMPúblico, com cerca de 195 milhões de palavras, e do registo escrito jornalístico brasileiro documentado no *corpus* NILC/São Carlos, com cerca de 35 milhões de palavras. Considerarei adicionalmente dados de texto literário do *corpus* Vercial, que integra cerca de 14 milhões de palavras de autores portugueses dos séculos XVI a XX. Nalguns casos, recorrerei ainda, meramente para efeitos ilustrativos, a exemplos do conjunto dos *corpora* da Linguateca, que totaliza cerca de 1.260 milhões de palavras (Linguateca Todos Juntos).

2. Orações interrogativas com *quão* – análise gramatical

Nesta secção, farei a análise – tanto semântica como sintática – do morfema interrogativo *quão*, partindo da observação das suas ocorrências nos *corpora* referidos, com destaque para o CETEMPúblico e o NILC/São Carlos, tomados como ilustrativos das variedades padrão contemporâneas do português europeu (PE) e do por-

5 Note-se que o termo “interrogativo” aplicado a orações subordinadas –principalmente se não dependentes de predicados de inquirição– é em certo sentido um *misnomer*, por sugerir a relação com uma pergunta, um ato de fala diretivo, que muitas vezes não existe (cf., a este propósito, a distinção entre “perguntas indirectas verdadeiras” e “perguntas indirectas improprias”, de Suñer, 1999: 2155ss.).

tuguês brasileiro (PB), respetivamente, que são as que me interessa centralmente caracterizar neste trabalho.

2.1. O quantificador interrogativo *quão* em *corpora* de texto jornalístico

A forma *quão* tem três valores distintos: interrogativo, genuinamente exclamativo (tipicamente em frases matriz) e comparativo. Ocorre apenas 517 vezes no CETEMPúblico e 97 vezes no NILC/São Carlos. Estes números incluem a variante locucional (sinónima) *o quão*. O morfema *quão* e a sua variante *o quão* são interrogativos (*lato sensu*) em 431 e 78 destes registos, respetivamente, o que mostra que *quão* é, de longe, o morfema-Q menos frequente do português contemporâneo.

A frequência de *quão* interrogativo é muito semelhante no CETEMPúblico e no NILC/São Carlos: cerca de 2 registos por milhão de palavras. Por comparação, no *corpus* de texto literário Vercial, há 826 registos da forma *quão* (e das suas variantes gráficas *quam* e *quã*), 431 dos quais correspondem a morfemas interrogativos (*lato sensu*). A frequência de *quão* interrogativo nesse *corpus* – 29 registos por milhão de palavras – é, pois, substancialmente maior que a observada nos *corpora* de texto jornalístico.

Todos os registos de *quão* nos *corpora* referidos foram analisados individualmente. A distribuição por subtipos de interrogativas – para o CETEMPúblico e o NILC/São Carlos – está indicada no Quadro 1.

		<i>quão</i>	<i>o quão</i>	TOTAL		
PE	interrogativas diretas		10	—	10	
	interrogativas indiretas	sujeito (e complemento argumento externo)	10	1	11	
		complemento	de verbo [V (+ P) + <i>quão</i> ...]	364	22	386
			de nome ou adjetivo [N/A + P + <i>quão</i> ...]	21	3	24
	TOTAL		405 (94%)	26 (6%)	431	
PB	interrogativas diretas		5	—	5	
	interrogativas indiretas	sujeito (e complemento argumento externo)	10	4	14	
		complemento	de verbo [V (+ P) + <i>quão</i> ...]	29	22	51
			de nome ou adjetivo [N/A + P + <i>quão</i> ...]	7	1	8
	TOTAL		51 (66%)	27 (34%)	78	

Quadro 1: Total de ocorrências do morfema interrogativo (*lato sensu*) *quão*, nos *corpora* CETEMPúblico (PE) e NILC/São Carlos (PB)

Discutirei nesta secção seis aspetos das orações interrogativas com *quão*. Três deles são relativamente mais complexos, pelo que serão tratados em subsecções separadas: o valor semântico de *quão* enquanto quantificador de graduação (secção 2.3), a estrutura interna das orações interrogativas com *quão*, com destaque para variações no movimento-Q (secção 2.4), e a presença ou ausência de implicaturas e valores de factividade nas orações subordinadas com *quão* (secção 2.5). Os outros três temas são relativamente mais simples e serão tratados na secção já a seguir (2.2): a diversidade de contextos em que as interrogativas com *quão* podem ocorrer, a variação na forma do morfema (*quão* vs. *o quão*) e o comportamento peculiar das orações com *quão* face à inserção de *é que*.

2.2. Contextos de ocorrência, variação na forma do quantificador e compatibilidade com *é que*

Começemos pelos contextos de ocorrência das orações interrogativas com *quão*, em particular a sua utilização como frases matriz (interrogativas diretas) ou como frases subordinadas (interrogativas indiretas).

O uso de *quão* em interrogativas diretas – que demonstra, sem margem para dúvidas, a pertinência da sua inclusão na classe dos morfemas interrogativos – não é muito frequente nos *corpora* analisados: há apenas 10 registos no CETEMPúblico e 5 no NILC/São Carlos (correspondendo a 2,3% e 6,4% do total de interrogativas com *quão* nesses *corpora*, respetivamente) – cf. (5) acima. Também não é muito frequente no Vercial: apenas 9 registos, todos de interrogativas retóricas, com exceção do exemplo em (9) abaixo. Uma pesquisa no conjunto de *corpora* da Linguateca (Todos Juntos) revela, porém, pelo menos mais uma centena de registos, além dos 24 já referidos, muitos deles em interrogativas puras – cf. (10).

- (9) “E a Senhora, postada entre Deus e os pecadores, *quão chegada* é a um e outro extremo?” (Padre António Vieira, *Sermões, Maria Rosa Mística*, 1686, in Vercial)
- (10) “*Quão intensa* foi a rigidez nas articulações em geral? *Quão nervosa ou ansiosa* você se sentiu?” (Linguateca Todos Juntos)

As orações interrogativas indiretas com *quão* podem ter diversas funções sintáticas na frase em que estão encaixadas: por exemplo, sujeito, como em (11), complemento direto, como em (12), complemento preposicionado de verbo, como em (13), complemento de nome, como em (14), ou complemento de adjetivo.

- (11) “Klause [...] acabou com uma «mensagem do coração»: «Não importa *quão ricos, famosos e populares somos*, porque chegará o nosso dia.»” (CETEMPúblico, ext1401934-soc-95b-1)
- (12) “[...] dois estudos hoje publicados [...] permitem ver as recordações a formar-se no cérebro [...] e, pela primeira vez... prever *quão memorável cada uma delas será.*” (CETEMPúblico, ext1211347-clt-98b-1)
- (13) “A evolução desta situação vai depender de *quão temporária é a solução adoptada [...].*” (CETEMPúblico, ext1392427-eco-93b-1)
- (14) “Com o colapso do Pacto de Varsóvia [...], principiou um debate aceso sobre *quão longe podia a NATO ir, para além das suas fronteiras [...].*” (CETEMPúblico, ext1012452-pol-93a-1)

Consideremos agora a variação na forma do morfema interrogativo – *quão* vs. *o quão*. Como já foi referido, o quantificador interrogativo pode assumir duas formas: a forma simples *quão* e a forma locucional *o quão*. No NILC/São Carlos [PB], a proporção de uso da locução *o quão* (vs. a forma simples *quão*) é seis vezes maior que no CETEMPúblico [PE], onde, ainda assim, a locução ocorre em números significativos. No *corpus* Vercial, a forma interrogativa *o quão* é muito rara: apenas 5 registos (vs. 426 registos de *quão* simples interrogativo). Seguem-se dois exemplos de uso de *o quão*, com a locução interrogativa aplicada a um adjetivo, em (15), e a um advérbio, em (16):

- (15) “[...] [o problema] é que não sabemos *o quão significativos* são os desvios da conduta [...].” (NILC/São Carlos, par=43904: 498)
- (16) “[...] Gustavo Kuerten [...] fez ontem uma exibição quase isenta de erros, demonstrativa

do *quão bem* sabe jogar em piso rápido.”
(CETEMPúblico, ext794387-des-97b-1) [com implicatura factiva]

É interessante notar que a locução *o quão* é exclusiva de frases subordinadas, não ocorrendo em frases matriz (à semelhança da locução *o quanto*, discutida na secção 3).

(17) {Quão / *O quão} difícil te pareceu a tarefa?

Finalmente, consideremos a questão da inserção de *é que* em orações com *quão*. As orações interrogativas com *quão* comportam-se de forma muito particular relativamente ao fenómeno da inserção de *é que*, típico das construções interrogativas. Nos *corpora* da Linguateca, não há nenhum registo de *é que* em interrogativas com *quão*. A combinação de *quão* e *é que* parece, com efeito, muito marginal em português – cf. (18) –, o que é uma especificidade destas interrogativas, não partilhada com as outras interrogativas-Q. O fator estilístico das diferenças de registo poderá pesar (ainda que não explique totalmente esta incompatibilidade): com efeito, *quão* tende a ser bastante formal e a inserção de *é que* é menos frequente em registos formais⁶.

(18) Neste momento, não conseguimos avaliar bem *quão complexos* (??*é que*) são os esforços necessários para alcançar esses resultados.

Creio, porém, que não há uma incompatibilidade absoluta entre *quão* e *é que*: as sequências (com retoma de segmentos precedentes) em (19) e (20), por exemplo, não me parecem agramaticais ou sequer pouco naturais.

(19) – Tens de ser menos obsessivo!
– Explica lá isso. *Quão* menos obsessivo *é que* tu achas que eu devo ser?

(20) – Querias ser mais rico, *é?* *Quão* mais rico *é que* tu querias ser?

2.3. Valor semântico e distribuição do quantificador interrogativo *quão*

O morfema interrogativo *quão* é um quantificador de graduação. Associa-se à determinação do grau em que uma determinada propriedade escalar se verifica numa entidade (cf. e.g. Cresswell, 1976; Kennedy, 1999; Pires, 2013). Esse grau não é explicitado, correspondendo a uma variável não instanciada, como é característico dos morfemas interrogativos – cf. *Quão difícil é resolver este problema?* (aplicação a adjetivo); *Quão longe queres ir?* (aplicação a advérbio). O quantificador interrogativo *quanto* (que também tem uma variante locucional, *o quanto*) ter um valor semelhante, mas uma distribuição complementar – cf. *Quanta responsabilidade tem a Câmara?* (aplicação a nome); *Quanto te esforçaste?* (aplicação a verbo). Na secção 3, consideraremos algumas estruturas em que, apesar desta diferença de distribuição, as duas formas (*quão* e *quanto*) competem fortemente entre si. Os quantificadores *quão* e *quanto* formam o conjunto de morfemas-Q prototipicamente associados à quantificação de graduação (podendo *quanto* adnominal ainda expressar quantificação de contagem – cf. *Quantas pessoas saíram?* – e quantificação de medição – cf. *Quanta água bebeste?*, que *quão* normalmente não expressa).

As categorias das expressões a que os quantificadores de graduação se aplicam são muito diversas: expressões adjetivais, expressões adverbiais, expressões prepositivas afins das duas anteriores, quantificadores (tra-

⁶ Note-se que a taxa de inserção de *é que* também é muito baixa no registo escrito para outras interrogativas-Q. Por exemplo, no CETEMPúblico (PE), *qual* coocorre com *é que* apenas em 0,5% dos casos; no NILC/São Carlos (PB), *qual* nunca coocorre com *é que*, e *que* N' coocorre apenas em 0,01% dos casos.

dicionalmente chamados advérbios de quantidade, como *pouco* ou *mais*), expressões verbais e expressões nominais. Nos quatro primeiros casos, a graduação é o modo de quantificação típico. Na quantificação sobre expressões nominais, a graduação (*muita/quanta responsabilidade*) concorre com outros modos de quantificação, mais frequentes, nomeadamente a contagem (*muitos/quantos livros*) e a medição (*muita/quanta água*).

Consideremos com mais pormenor as seis combinações referidas acima. Seguem-se exemplos, em cujas alíneas *b* são indicados os dois quantificadores interrogativos do português: *quão* e *quanto*. Como se pode ver, a distribuição é complementar: *quão* aplica-se nas situações A-D, *quanto* aplica-se nas situações E-F.

A. Quantificação adjetival, isto é, sobre constituintes A'⁷

- (21) a. muito [alto], mais [confortável], tão [distante de nós]
b. quão [alto], quão [confortável], quão [distante de nós]

B. Quantificação adverbial, isto é, sobre constituintes ADV'
(não sendo os advérbios quantificacionais)

- (22) a. muito [depressa], mais [cuidadosamente], tão [longe]
b. quão [depressa], quão [cuidadosamente], quão [longe]

Estas expressões adverbiais podem aplicar-se a: (B1) expressões verbais – *rever um texto muito cuidadosamente, quão cuidadosamente é preciso rever o texto*; (B2) expressões adjetivais – *ser irreverentemente atrevido, quão irreverentemente atrevido ele é*. Estas duas situações são distinguidas no Quadro 2, adiante.

C. Quantificação prepositiva, isto é, sobre constituintes SP que representam propriedades escalares equivalentes às expressas por constituintes A' ou ADV':

- (23) a. mais [a norte], bastante [aquém/longe do desejável]⁸
b. quão [a norte], [quão aquém/longe do desejável]

D. Quantificação sobre operadores de quantificação, tradicionalmente referidos como advérbios de quantidade, formando quantificadores sintaticamente complexos (*muito/quão pouco, tão/quão mais*).

- (24) a. muito [pouco], tão [mais] + (X')
b. quão [pouco], quão [mais] + (X')

Estes quantificadores complexos podem aplicar-se a expressões (X') de categorias distintas: (D1) verbais – *trabalhar muito pouco, quão pouco tem trabalhado*; (D2) adjetivais – *ser muito pouco simpático, quão pouco simpático ele é*; (D3) adverbiais – *rever textos muito pouco cuidadosamente, quão pouco cuidadosamente ele reviu os textos*; (D4) nominais – *ter muito pouca paciência, quão pouca paciência ele tem*. Nos dois *corpora* de texto jornalístico estudados, só há registos das duas primeiras combinações⁹, pelo que só elas são distinguidas no

7 Usarei a forma X' (neste caso A') para representar projeções não máximas dos núcleos lexicais. A' pode corresponder a núcleos simples (e.g. [*quão*] *alto*), núcleos coordenados ([*quão*] *simpático e atencioso*) ou núcleos complementados (e.g. [*quão*] *distante de nós*).

8 As formas *longe* e *perto* podem comportar-se como advérbios (tipo B) ou como parte de locuções prepositivas (tipo C), como em *longe de X*, *perto de X*.

9 No conjunto de *corpora* da Linguateca há 1 registo de C3 (*quão mais adiante devem avançar*) e 9 registos de C4, que correspondem à sintaxe arcaizante referida no final da secção 2.4.1 (constituintes interrogativos do tipo de *quão pouco trabalho/apoio*).

Quadro 2, adiante.

E. Quantificação verbal, isto é, sobre constituintes V'

- (25) a. [trabalhou] muito, [esforçou-se] tanto, [afasta-se] mais [do centro]
b. quanto [trabalhou], quanto [se esforçou], quanto [se afasta do centro]

F. Quantificação nominal, isto é, sobre constituintes N'

- (26) a. muita [paciência], tanta [preguiça], mais [brio profissional]
b. quanta [paciência], quanta [preguiça], quanto [brio profissional]

Em suma, o quantificador interrogativo *quão* aplica-se essencialmente a expressões adjetivais ou adverbiais, a expressões prepositivas afins delas e ainda a quantificadores. O Quadro 2 apresenta o número de ocorrências de *quão* nestes quatro contextos, nos registos do CETEMPúblico e NILC/São Carlos. Observa-se um predomínio claro das construções *quão A'* (grupo A) e *quão ADV'* (grupo B1). Somadas, representam 93% dos usos de *quão* no CETEMPúblico e 87% no NILC/São Carlos, respetivamente¹⁰.

		PE		PB	
[A] quantificação adjetival		375	87%	58	74%
[B] quantificação adverbial	[B1] em expressões verbais	26	6%	10	13%
	[B2] em expressões adjetivais	2	0,5%	2	2,5%
[C] quantificação prepositiva		8	2%	2	2,5%
[D] quantificação sobre quantificadores	[D1] com aplicação a expressões verbais	13	4,5%	4	8%
	[D2] com aplicação a expressões adjetivais	6		2	
TOTAL		430		78	

Quadro 2: Aplicação do morfema interrogativo (*lato sensu*) *quão* a diferentes tipos categoriais, nos *corpora* CETEMPúblico (PE) e NILC/São Carlos (PB)

2.4. A estrutura interna das orações interrogativas com *quão*

A estrutura das orações interrogativas é naturalmente condicionada pelos valores de quantificação que *quão* assume. Vejamos a estrutura interna e a forma dos constituintes interrogativos separadamente para cada um dos grupos referidos no Quadro 2.

2.4.1 Movimento-Q de sintagmas com *quão* aplicado a expressões adjetivais

Em estruturas com *quão* aplicado adjetivamente, observamos tipicamente movimento de todo o SA com *quão* para a cabeça da frase. Este SA tem frequentemente a função de predicativo do sujeito (associado a um verbo copulativo) – cf. (27) –, mas pode ter outras funções. Observa-se ainda frequentemente (mas nem sempre) inversão do sujeito. O sujeito pode ser nominal ou frásico.

- (27) “Há já alguns dias que o mercado aguardava pelo valores na certeza de que estes seriam negativos. A questão estava em saber *quão negativos* seriam os números.” (CETEMPúblico, ext520509-eco-96b-1)

¹⁰ A soma da coluna relativa ao PE não é 431, porque há um registo anómalo de *quão* (em vez de *quanto*) aplicado a uma expressão verbal (*quão gostaria por quanto gostaria*).

Um aspeto muito curioso, que documenta as particularidades das orações interrogativas em apreço, é que, quando há complementos adjetivais, o movimento-Q pode não deslocar todo o SA relevante, como em (28), mas apenas o quantificador e o núcleo adjetival, ficando *in situ* (numa das análises possíveis) eventuais complementos, como em (29)¹¹:

(28) Tudo depende de [_{SA} quão distantes do centro da cidade]_i ficarmos [_i].

(29) Tudo depende de [_{PARTE DO SA} quão distantes]_i ficarmos [_i] do centro da cidade.

A separação adjetivo-complemento, como em (29), é muito mais frequente, mas a deslocação de todo o SA, como em (28), também é possível: 43 vs. 2 registos de cada uma das estratégias, respetivamente, no CETEMPúblico.

Há ainda 3 registos (todos no CETEMPúblico) em que se deslocou apenas *quão*, num caso – cf. (30) – e o *quão*, em dois casos, ficando *in situ* toda a estrutura quantificada. Creio que esta sintaxe não é plenamente consensual, principalmente com *quão* simples, que, ao contrário de *quanto*, me parece pouco natural quando isolado.

(30) “[...] Maastricht e as privatizações «escandalosas» mostram *quão*
[o PS e o PSD] são *inseparáveis*...” (CETEMPúblico, ext886982-pol-93b-2)
[cf. *quão inseparáveis são* e *quanto são inseparáveis*]
[com implicatura factiva]

Um aspeto particularmente interessante da estrutura interna das orações com *quão* adjetival e do movimento-Q que nelas ocorre é evidenciado na observação de *corpora* de textos mais antigos. No Vercial, por exemplo, ocorre com bastante frequência uma construção que parece ter entretanto caído quase em desuso. Nela, *quão* aplica-se a uma estrutura adjetival que modifica um predicado nominal (N’), sendo todo o SN (contendo o modificador SA quantificado por *quão*), ou seja [_{SN} [_{SA} *quão* A’] N’], deslocado para a cabeça da frase¹². Em todos os exemplos desta construção que encontrei há implicatura factiva, isto é, as frases são do tipo interrogativo-exclamativo (ou exclamativas subordinadas *sensu* e.g. Grimshaw 1979).

(31) “[...] vendo Meliquiaz *quam valēte homem* era, mādou que lhe não tirassem mais, & [...] se entregou.”
(Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, 1567, in Vercial)

(32) “Nas quais palavras, [...] se vê claramente *quão grande fruto* faziam com sua presença nas terras onde estavam cativos [...].”
(Padre António Vieira, *História do Futuro*, 1659, in Vercial)

(33) “Um sucesso ocorrido em 1510 prova *quão esclarecida política* predominava agora nos conselhos de D. Manuel.”
(Alexandre Herculano, *História da Inquisição*, 1854, in Vercial)

11 Outra análise possível é que haja movimento-Q interrogativo de todo o SA e posterior extraposição do complemento, que, por vezes é muito extenso. Não tentarei apurar aqui qual é a hipótese mais plausível.

12 Também se observa em construções exclamativas (matriz) uma sintaxe afim: “Oh, benemérita filosofia! *Quão sublimes feitos* a humanidade experimenta da tua sisuda influência!” (Camilo Castelo Branco, *A Filha do Arcediago*, 1854, in Vercial).

- (34) “Quando [...] este [...] lhe revelou *por quão escorregadia ladeira* o próprio Fernando Afonso se precipitara, João das Regras associou-se à execução dos planos do monge com toda a lealdade [...]” (Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, 1848, in Vercial)
- (35) “Com efeito, apercebemo-nos de *quão notáveis contadores de histórias* foram Mateus, Marcos e Lucas.” (CETEMPúblico, ext180251-clt-94a-1)
- (36) “Todos verificamos *quão grande expressão* assume esse movimento no plano interno e externo [...]” (CETEMPúblico, ext855539-eco-95b-2)

Como se pode ver, o SN deslocado para a cabeça da frase pode ter diversas funções, e.g. predicativo do sujeito, como em (31) e (35), ou complemento direto, como em (32), (33) e (36). Pode até ser um SN complemento de uma preposição argumental, caso em que se desloca todo o SP argumental, como em (34). No Vercial, há mais de 60 registos desta construção. Ela surge muito em textos até ao século XVII e é abundantemente usada por Alexandre Herculano (21 registos no Vercial) – cf. (33)-(34) –, mas não por outros autores do século XIX. Como referi, em português contemporâneo a construção parece ser pouco usada, havendo dela apenas 3 registos no CETEMPúblico – cf. (35)-(36) – e nenhum no NILC-São Carlos.

2.4.2. Movimento-Q de sintagmas com *quão* aplicado a expressões adverbiais

Quando *quão* se aplica a um advérbio, interessa separar dois contextos: com o sintagma adverbial aplicado a uma estrutura verbal (e.g. *vender rapidamente*) e com o sintagma adverbial aplicado a uma estrutura adjetival (e.g. *irreverentemente atrevido*). No primeiro caso, todo o sintagma adverbial é deslocado por movimento-Q para a cabeça da frase, como em (37). Não encontrei registos de *quão* isolado no constituinte interrogativo; a manutenção do advérbio quantificado *in situ* parece de facto agramatical (cf. **tudo depende de quão os bilhetes se venderem rapidamente*).

- (37) Tudo depende de [_{SADV} quão rapidamente]_i os bilhetes se venderem [_i].

O sintagma deslocado é tipicamente um modificador verbal com diferentes valores: e.g. modo (*quão bem*), velocidade (*quão depressa*), distância (*quão longe*), tempo (*quão precocemente*). Pode em certos casos ter a função de complemento verbal, como em (38).

- (38) “[...] de uma forma geral, as partículas estão muito longe. Mas se nos perguntarem [...], nós não sabemos *quão longe* estão.”
(CETEMPúblico, ext237591-clt-soc-95b-1)

Quando o sintagma adverbial que contém *quão* é aplicado a uma expressão adjetival, todo o sintagma adjetival é normalmente deslocado por movimento-Q para a cabeça da frase – ou seja, observa-se a estrutura [_{SA} [_{SADV} quão ADV] A’], como em (39). Não encontrei registos de construções em que é deslocado apenas o SADV com *quão*, ficando a estrutura adjetival a que SADV se aplica *in situ* (e.g. *?tudo depende de quão irreverentemente quiseres ser atrevido*).

- (39) Tudo depende de [_{SADV} quão irreverentemente atrevido]_i quiseres ser [_i].
Esta construção é pouco frequente (2 registos no CETEMPúblico e 2 no NILC/São Carlos).
- (40) “Entretive [...] a ideia de exigir uma explicação, mas depressa me dei conta de *quão aberradamente elitista* seria tal exigência [...]”
(CETEMPúblico, ext1005205-opi-97a-1) [com implicatura factiva]

2.4.3. Movimento-Q de sintagmas com *quão* aplicado a expressões prepositivas

Globalmente, esta construção é bastante infrequente. Há 8 registos no CETEMPúblico e 2 no NILC/São Carlos, correspondendo a 2% das interrogativas com *quão* em cada um desses *corpora*. *Quão* pode aplicar-se a um SP com uma preposição simples (e.g. *quão em dívida*) ou com uma locução prepositiva (e.g. *quão acima da média*). No segundo caso, o núcleo da locução prepositiva (e.g. *acima, aquém, longe, perto*) é normalmente deslocado com *quão*, podendo o resto do SP a seguir ao elemento final da locução prepositiva [*de*] ser deslocado em conjunto – cf. (41) – ou permanecer *in situ* – cf. (42):

- (41) “[...] embora o livro também se preocupe em demonstrar *quão aquém dos objectivos ideológicos e das receitas ideais* ficaria [...] a «revolução» thatcheriana.” (CETEMPúblico, ext1397686-clt-94b-2)
[com implicatura factiva]
- (42) “[...] [o *software*] mostra-lhe todo o trajecto que a sonda já percorreu [...], os planetas que encontrou pelo caminho e *quão perto* se encontra agora *do grande planeta*.” (CETEMPúblico, ext204095-clt-soc-94b-2)

Dos excertos analisados, apenas em 2 casos (ambos no CETEMPúblico) se observou uma ocorrência isolada de *quão* no constituinte interrogativo, ocorrendo todo o SP sobre que se quantifica *in situ* – cf. (43). A sintaxe não parece ser de aceitação consensual, usando-se normalmente *quanto* nestes contextos.

- (43) “[...] é impressionante reescutar este reportório e verificar *quão* o designado génio de Minneapolis está *em dívida em relação a esta trupe*.” (CETEMPúblico, ext692263-clt-93a-2) [com implicatura factiva]
[cf. *quão em dívida está e quanto está em dívida*]

2.4.4. Movimento-Q de sintagmas com *quão* aplicado a quantificadores

Como já vimos, *quão* e alguns outros quantificadores (como *muito*) podem aplicar-se a um outro quantificador (tradicionalmente referido como advérbio de quantidade), como *pouco* ou *mais*, para formar operadores de quantificação complexos: *muito/quão pouco*, *muito/quão mais*. Nestas combinações, interessa distinguir dois contextos: com o quantificador complexo aplicado a uma estrutura verbal (e.g. *esforçar-se muito mais*) e aplicado a uma estrutura adjetival (e.g. *muito mais descontraído*).

No conjunto dos dois *corpora* de texto jornalístico analisados, há um total de 25 registos destas construções (19 no CETEMPúblico e 6 no NILC/São Carlos). Os quantificadores complexos registados são *quão pouco* (18), de longe o mais frequente, *quão mais* (3), *quão profundamente* (2), *quão largamente* (1) e *quão astronomicamente* (1). Não há nenhum registo nos *corpora* da Linguateca de *quão menos*, mas essa combinação não parece ser agramatical (cf. –*Tens de ser menos obsessivo! –Quão menos (obsessivo)? / Quão menos obsessivo achas que devo ser?*). *Quão muito* parece agramatical, mas valores de superioridade podem ser associados a outros advérbios de valor claramente quantificacional, como os três terminados em *-mente* referidos acima ou ainda (todos com exemplos nos *corpora* da Linguateca) *grandemente*, *amplamente*, *altamente*, *imensamente*, *intensamente*, *fortemente* ou *incrivelmente*. Veja-se um exemplo (de texto literário):

- (44) “Bem se viu neste caso tão horrendo, *quão grandemente* se ofende Deus de que ninguém presuma cativar a quem ele liberta.” (Linguateca Todos Juntos) [com implicatura factiva]

Quando [_{SADV} *quão* QT] é aplicado a uma estrutura verbal, todo o sintagma adverbial é normalmente deslocado por movimento-Q para a cabeça da frase, como em (45). Há 13 registos desta construção no CETEMPúblico e 4 no NILC/São Carlos – cf. (46):

- (45) Tudo depende de [_{SADV} *quão pouco*]_i quiseres trabalhar [_i]
 (46) “As partes em Madrid [...] interrogam-se: *quão pouco* posso dar em troca daquilo que quero?” (CETEMPúblico, ext789921-pol-91b-1)

Quando [_{SADV} *quão* QT] é aplicado a uma estrutura adjetival, todo o sintagma adjetival [_{SA} [_{SADV} *quão* QT] A'] é normalmente deslocado por movimento-Q para a cabeça da frase, como em (47), sendo algo marginal a manutenção de A' *in situ*, como em (48):

- (47) Tudo depende de [_{SA} *quão pouco atentos*]_i os fiscais estiverem [_i]
 (48) Tudo depende de [_{QT} *quão pouco*]_i os fiscais estiverem [_{SA} [_i atentos].

A construção de tipo (47) tem 6 registos no CETEMPúblico e 2 no NILC/São Carlos:

- (49) “[...] há [...] aquilo de que se quer falar, para afinal [se] mostrar *quão pouco moderno e europeu* se é, por mais que se diga o contrário [...].”
 (CETEMPúblico, ext889170-opi-97a-2) [com implicatura factiva]

A construção de tipo (48) não ocorre nesses dois *corpora*, mas está documentada no seguinte excerto do Vercial, parecendo corresponder a uma sintaxe arcaizante:

- (50) “Como se [...] se quisesse provar *quão completamente* se achavam *abrogadas* as leis de amortização promulgadas por seu pai [...], fazia logo depois largas mercês ao metropolita [...].”
 (Alexandre Herculano, *História de Portugal*, 1848, in Vercial) [com implicatura factiva]

2.5. A factividade nas interrogativas indiretas com *quão* – genuínas interrogativas vs. interrogativas-exclamativas

Um facto gramaticalmente muito interessante das interrogativas com *quão* é que, na maior parte das suas ocorrências, elas têm implicatura factiva, isto é, são do tipo interrogativo-exclamativo (ou exclamativas subordinadas *sensu* e.g. Grimshaw 1979):

- (51) “A situação de Larry Brown demonstra com perfeição *quão curta* tende a ser a memória das pessoas.” (CETEMPúblico, ext1069236-des-92a-2)
 Implicatura: a memória das pessoas tende a ser (muito) curta.

No CETEMPúblico, das 431 interrogativas com *quão*, 384 (89%) têm implicatura factiva e só 47 (11%) não a têm; no NILC/São Carlos, curiosamente, a percentagem de genuínas interrogativas, sem qualquer implicatura factiva, é maior, ainda que permaneça minoritária: das 78 interrogativas com *quão*, 44 (56%) têm implicatura factiva e 34 (44%) não a têm, como indicado no Quadro 3.

			sem implicatura factiva (genuínas interrogativas)	com implicatura factiva (interrogativas-exclamativas)	
PE	interrogativas diretas		9	1	
	interrogativas indiretas	sujeito (e complemento argumento externo)	2	9	
		complemento	de verbo [V (+ P) + <i>quão</i> ...]	32	354
			de nome ou adjetivo [N/A + P + <i>quão</i> ...]	4	20
	TOTAL 431		47 (11%)	384 (89%)	
PB	interrogativas diretas		5	0	
	interrogativas indiretas	sujeito (e complemento argumento externo)	10	4	
		complemento	de verbo [V (+ P) + <i>quão</i> ...]	14	37
			de nome ou adjetivo [N/A + P + <i>quão</i> ...]	5	3
	TOTAL 78		34 (44%)	44 (56%)	

Quadro 3: Total de interrogativas de *quão* sem e com implicatura factiva nos *corpora* CETEMPúblico (PE) e NILC/São Carlos (PB)

Interessantemente, no *corpus* Vercial, as interrogativas com *quão* sem implicatura factiva são muito raras: das 422 interrogativas indiretas desse *corpus* de texto literário, só 3 (todas com quantificação adverbial) parecem não ter essa implicatura, comportando-se como genuínas interrogativas abertas. Eis um exemplo:

- (52) “Fui *ver quão bem* sortiram tais abraços E que achei? Achei ímpetos, e prantos.”
(Filinto Elísio, *Obras Completas*, 1800, in Vercial)

Estes dados parecem sugerir uma mudança linguística, no sentido da generalização do uso de *quão* como morfema interrogativo genuíno (associado a variáveis inteiramente livres), que parece não ter sido frequente em fases anteriores da língua. Naturalmente, só estudos mais aprofundados de textos antigos poderão validar ou invalidar esta conjetura.

O Quadro 4 distribui as 421 interrogativas indiretas do CETEMPúblico e as 73 do NILC/São Carlos pelos dez grupos de predicados propostos em Huddleston (2002: 976), confirmando as generalizações desse autor sobre o uso mais limitado das suas “exclamativas subordinadas” em termos de predicados da frase superior.

		ASKING	KNOWING	GUESSING	TELLING	DECIDING	TOTAL	
		perguntar	saber, descobrir	calcular, imaginar	dizer, mostrar	decidir		
PE	sem IF	4	13	3	4	6	38	421
	com IF	—	183	14	184	—		
		DEPENDENCE	SIGNIFICANCE	CONCERNING	SURPRISE	DISBELIEF		
		depende	importar	em termos de	admirar	duvidar		
	sem IF	5	3	—	—	—		
	com IF	—	—	1	1	—		
PB		ASKING	KNOWING	GUESSING	TELLING	DECIDING	29	
		perguntar	saber, descobrir	calcular, imaginar	dizer, mostrar	decidir		
	sem IF	2	7	3	—	3		
	com IF	—	24	1	17	—		
		DEPENDENCE	SIGNIFICANCE	CONCERNING	SURPRISE	DISBELIEF		
		depende	importar	em termos de	admirar	duvidar		
	sem IF	2	6	5	—	1	29	73
	com IF	—	—	1	1	—	44	

Quadro 4: Predicados que selecionam interrogativas indiretas de *quão* sem e com implicatura factiva (IF), nos corpora CETEMPúblico (PE) e NILC/São Carlos (PB)

3.

Competição entre *quão* adjetival e *quanto* adverbial

Um aspeto gramatical interessante que importa discutir é que o quantificador adjetival *quão* e o quantificador verbal *quanto* – e bem assim as suas variantes locucionais *o quão* e *o quanto* – competem fortemente entre si, principalmente em estruturas com verbos copulativos (e transitivos-predicativos ou outros afins) e expressões adjetivais¹³. Com efeito, as duas construções abaixo são equivalentes e são ambas usadas com frequência:

(53) Todos reconheceram *(o) quão preocupante* era a situação.

(54) Todos reconheceram *(o) quanto* a situação era preocupante.

Em (53), *quão* aplica-se diretamente a uma expressão adjetival (*preocupante*), como nas construções analisadas na secção 2 – [*quão* A']; em (54), *quanto* aplica-se a uma expressão verbal formada pelo verbo copulativo *ser* e o predicativo adjetival (*preocupante*) – [*quanto* [_v V SA]]. Apesar da morfossintaxe distinta, o resultado da interpretação composicional é o mesmo, obtendo-se genuínas paráfrases.

Há diferenças significativas entre o português europeu e o português brasileiro documentados no CETEMPúblico e no NILC/São Carlos, no que respeita à frequência de uso de cada uma das quatro formas. Para aferir taxas

13 Também existe competição em estruturas com predicados adverbiais e outros, mas as construções não são muito frequentes e, por uma questão de espaço, não as discutirei aqui – cf. e.g. [*quão mal me sinto*] vs. [*o quanto me sinto mal*].

comparáveis, fiz uma pesquisa (nesses dois *corpora*) restringida às combinações com o verbo copulativo *ser* e expressões adjetivais¹⁴. Os resultados são dados no Quadro 5.

		<i>quão</i> A' (SUJ) SER (e.g. [o] <i>quão</i> <i>preocupante algo é</i>)		<i>quanto</i> (SUJ) SER SA (e.g. [o] <i>quanto</i> <i>algo é preocupante</i>)		TOTAL
PE	TOTAL	274 (65%)		147 (35%)		421
	formas simples vs. formas locucionais	<i>quão</i> 263 (96%)	<i>o quão</i> 11 (4%)	<i>quanto</i> 90 (61%)	<i>o quanto</i> 57 (39%)	
	percentagem do total de 421 registos	62%	3%	22%	13%	
PB	TOTAL	43 (31%)		97 (69%)		140
	formas simples vs. formas locucionais	<i>quão</i> 27 (63%)	<i>o quão</i> 16 (37%)	<i>quanto</i> 22 (23%)	<i>o quanto</i> 75 (77%)	
	percentagem do total de 140 registos	19%	11%	16%	54%	

Quadro 5: Competição entre *(o) quão* e *(o) quanto* em estruturas com o verbo copulativo *ser* e expressões adjetivais, nos *corpora* CETEMPúblico (PE) e NILC/São Carlos (PB)

Como se pode observar, no tipo de registo em apreço, o PE ainda usa maioritariamente *(o) quão* (65%), enquanto o PB o usa maioritariamente *(o) quanto* (69%). Com *quão*, ambas as variedades preferem a forma simples; ainda que minoritária, a forma locucional *o quão é* consideravelmente mais usada em PB do que em PE. Com *quanto*, o PE usa maioritariamente a forma simples *quanto* (61%), enquanto o PB o usa maioritariamente a forma locucional *o quanto* (77%). Globalmente, a forma preferida, no contexto em análise, é [*quão* A' ser] em PE (62%) e [*o quanto* ser SA] em PB (54%). Vejam-se dois exemplos com *quanto* e *o quanto* do tipo relevante, no CETEMPúblico:

- (55) “Naquele momento não descobri *quanto* as suas proclamações *eram falsas*.”
(CETEMPúblico, ext261761-pol-94a-2)
[cf. *quão falsas eram as suas proclamações*]
- (56) “[...] para se ver bem *o quanto* estas conversações preliminares *irão ser difíceis* [...]”
(CETEMPúblico, ext480573-pol-98a-2)
[cf. *quão difíceis irão ser estas conversações preliminares*]

Curiosamente, no *corpus* Vercial, observa-se um uso muito equilibrado de *quão* adjetival e *quanto* adverbial no tipo de estruturas em causa: 115 *quão* (53%) vs. 104 *(o) quanto* (98 *quanto*, 6 *o quanto*) (47%). Veja-se um exemplo com *quanto*:

- (57) [...] procurava principalmente mostrar *quanto era absurdo* imaginar que ele rei procedesse como procedia por outro motivo que não fosse o zelo da religião.” (Alexandre Herculano, *História da Inquisição*, 1857, in Vercial)
[cf. *quão absurdo era imaginar...*]

14 Pesquisas: (i) "quanto" [] {0,5} [lema="ser"] [pos="ADJ"]; (ii) "quão" [pos="ADJ"] (com análise individual de todos os resultados, de modo a contabilizar apenas os relevantes).

A competição entre as quatro formas também dá origem ao surgimento de algumas construções não canónicas, ilustrando uma área crítica da língua portuguesa, *sensu* Peres e Móia (1995). Encontrei um pequeno número de construções potencialmente não consensuais neste trabalho, envolvendo: (i) uso de *quão* em vez de *quanto* (cf. (30), (43) e exemplo referido na nota de rodapé 10); (ii) uso de *o quanto* aplicado diretamente a um predicado adjetival, em vez de *quão*, como em (58); esta última construção ocorre 3 vezes no CETEMPúblico e 1 no NILC/São Carlos.

- (58) “Esta caracterização do sr. Presidente da República [...] acontece apenas para ajudar a compreender *o quanto ingrata e injusta* foi a recepção que [...] teve [...].”
(CETEMPúblico, ext913103-nd-94a-1)

4.

Conclusões

4.1. *Quão* é um morfema interrogativo que ocorre em interrogativas abertas, quer diretas (puras – *Quão importante acha que é?* – ou não puras – *Quão longe irei?*), quer indiretas (genuinamente interrogativas – [*tudo depende de*] *quão empenhados estivermos*– ou interrogativas com implicatura factiva, classificadas por alguns autores como exclamativas indiretas – [*sabes bem*] *quão empenhados estivemos*). A literatura gramatical portuguesa tem reconhecido pouco (e menos ainda tem explorado) esta faceta do morfema *quão*.

4.2. *Quão* é um quantificador de graduação que se aplica a quatro categorias de expressões escalares: três categorias lexicais – adjetivais, como em *quão interessante*, adverbiais, como em *quão depressa*, ou prepositivas afins de adjetivais ou adverbiais, como em *quão a norte*; uma categoria funcional – quantificadores (sobre expressões dos três tipos acima e ainda sobre expressões verbais), como em *quão pouco* ou *quão mais* [{*interessante / depressa / a norte / se esforçará*}].

4.3. *Quão* é deslocado para a cabeça das frases interrogativas em três tipos de movimento-Q: (i) movimento de dois elementos (*quão* e a expressão quantificada), como em *quão fácil é, quão longe foi*; (ii) movimento de três elementos (*quão* e a expressão quantificada, formando um bloco, mais a expressão adjetival ou nominal sobre que o bloco anterior quantifica, como em *quão pouco interessante*, ou que o bloco anterior modifica, como em *quão irreverentemente atrevido* ou – numa sintaxe já pouco usada contemporaneamente – *quão profunda tristeza* [*lhe consumia o coração*]); na última construção pode adicionalmente haver movimento de preposições que precedam o sintagma nominal – cf. (34); (iii) muito excepcionalmente, e por vezes com sensação de menor naturalidade, movimento apenas de *quão* ou *o quão*, seguindo o padrão canónico de *quanto* e *o quanto* adverbiais – *o quão* [é frágil], *quão* [está em dívida].

4.4. *Quão* tem uma variante locucional equivalente – *o quão* – de uso menos frequente que a forma *simples*, que ocorre com maior frequência em português brasileiro do que em português europeu.

4.5. *Quão* (principalmente adjetival, mas não só – cf. n. 13) compete com *quanto* adverbial (e a sua variante locucional *o quanto*). As expressões ocorrem, ambas com elevada frequência, em estruturas de dois tipos morfossintaticamente distintos, mas semanticamente equivalentes – e.g. *quão irresponsável é* vs. (*o*) *quanto é irresponsável*. A primeira forma predomina em português europeu e a segunda em português brasileiro, mas ambas têm ocorrência em números significativos nas duas variedades.

4.6. *Quão* é o morfema-Q menos frequente no português (com um taxa de frequência nos dois *corpora* de texto jornalístico, português e brasileiro, de cerca de 2 registos por milhão de palavras). É claramente mais característico do registo escrito neutro ou formal do que de registos orais ou informais.

Referências bibliográficas

- Alonso-Cortés, Ángel (1999). "Las construcciones exclamativas. La interjección y las expresiones vocativas". Em Bosque, Ignacio, & Demonte, Violeta (dirs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española. Real Academia Española*, 3993-4050. Madrid: Espasa.
- Barbosa, Pilar (2013). "Subordinação Argumental Finita". Em Raposo, Eduardo P. et al. (orgs.), *Gramática do Português*, 1819-1897. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Barbosa, Pilar, Santos, Pedro, & Veloso, Rita (2013). "Tipo de frase e força ilocutória". Em Raposo, Eduardo P. et al. (orgs.), *Gramática do Português*, 2515-2586. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brito, Ana Maria (2003) [1983]. "Frases interrogativas". Em Mateus, Maria Helena Mira, Brito, Ana Maria, Duarte, Inês, Faria, Isabel Hub et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Castilho, Ataliba. T. de (2010). *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto.
- Cresswell, Max (1976). "The semantics of degree". Em Partee, Barbara (ed.), *Montague grammar*, 261-292. New York: Academic Press.
- Elliott, Dale Eugene (1971). *The grammar of emotive and exclamatory sentences in English*. PhD Thesis, The Ohio State University, Columbus, Ohio. (Publicada em: Elliott, Dale Eugene et al., *Working Papers in Linguistics*, 8, 8-119. The Ohio State University, Computer and Information Science Research Center.)
- Figueiredo, João Nunes de, & Ferreira, António Gomes (1973) [1965]. *Compêndio de Gramática Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Grimshaw, Jane (1979). "Complement selection and the lexicon", *Linguistic Inquiry*, 10(2), 279-326.
- Huddleston, Rodney (2002). "Clause type and illocutionary force" / "Content clauses and reported speech". Em Huddleston, Rodney, & Pullum, Geoffrey K., *The Cambridge Grammar of the English Language*, 851-945 / 947-1030. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kennedy, Chris (1999). *Projecting the adjective: the syntax and semantics of gradability and comparison*. New York: Garland Publishing.
- Peres, João Andrade (2013). "Semântica do sintagma nominal". Em Raposo, Eduardo P. et al. (orgs.), *Gramática do Português*, 735-815. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Peres, João Andrade, & Móia, Telmo (1995). *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Suñer, Margarita (1999). "La subordinación sustantiva: la interrogación indirecta". Em Bosque, Ignacio, & Demonte, Violeta (dirs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española. Real Academia Española*, 2149-2195. Madrid: Espasa.
- Williams, Edwin B. (1975) [1961]. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (Tradução do original inglês: Williams, Edwin B. (1938), *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. University of Pennsylvania Press / Oxford University Press.).

Zanuttini, Raffaella, & Portner, Paul (2003). "Exclamative Clauses: At the Syntax-Semantics Interface", *Language*, 79(1), 39-81.

Corpora online consultados

CETEMPúblico 2.0 v. 12.1, <http://www.linguateca.pt/ACDC/> (Consultado em 09.03.2024).

Linguateca Todos Juntos, <http://www.linguateca.pt/ACDC/> (Consultado em 09.03.2024).

NILC-São Carlos v. 14.2, <http://www.linguateca.pt/ACDC/> (Consultado em 09.03.2024).

Vercial v. 16.7, <http://www.linguateca.pt/ACDC/> (Consultado em 09.03.2024).



<https://revistas.udc.es/index.php/rgf>

Edita

Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña,
co patrocinio de ILLA (Grupo de Investigación Lingüística
e Literaria Galega)

Dirección

Teresa López, Universidade da Coruña (España)
Xosé Manuel Sánchez Rei, Universidade da Coruña (España)

Secretaría

Diego Rivadulla Costa, Universidade da Coruña (España)

Consello de Redacción

Ana Bela Simões de Almeida, University of Liverpool (Reino Unido)
Pere Comellas Casanova, Universitat de Barcelona (España)
Iolanda Galanes, Universidade de Vigo (España)
Leticia Eirín García, Universidade da Coruña (España)
Carlinda Fragale Pate Núñez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Brasil)
Xavier Varela Barreiro, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Xaquín Núñez Sabarís, Universidade do Minho (Portugal)

Comité asesor

Ana Acuña, Universidade de Vigo (España)
Olga Castro, University of Warwick (Reino Unido)
Regina Dalcastagnè, Universidade de Brasília (Brasil)
Manuel Fernández Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Roberto Francavilla, Università degli studi di Genova (Italia)
Ana Garrido, Uniwersytet Warszawski (Polonia)
José Luiz Fiorin, Universidade de São Paulo (Brasil)
Xoán Luís López Viñas, Universidade da Coruña (España)
Xoán Carlos Lagares, Universidade Federal Fluminense de Niterói (Brasil)
Sandra Pérez López, Universidade de Brasília (Brasil)
Maria Olinda Rodrigues Santana, Universidade de Trás-Os-Montes
e Alto Douro (Portugal)

Comité científico

Silvia Bermúdez, University of California, Santa Barbara (Estados Unidos)
Evanildo Bechara, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
Ángela Correia, Universidade de Lisboa (Portugal)
Carme Fernández Pérez-San Julián, Universidade da Coruña (España)
Manuel Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Maria Filipowicz, Uniwersytet Jagiellonski (Polonia)
Xosé Ramón Freixeiro Mato, Universidade da Coruña (España)
María Pilar García Negro, Universidade da Coruña (España)
Helena González Fernández, Universidade de Barcelona (España)
Xavier Gómez Guinovart, Universidade de Vigo (España)
Pär Larson, CNR - Opera del Vocabolario Italiano, Florencia (Italia)
Ana Maria Martins, Universidade de Lisboa (Portugal)
Kathleen March, University of Maine (Estados Unidos)
Mária Aldina Marques, Universidade do Minho (Portugal)
Inocência Mata, Universidade de Lisboa (Portugal)
Juan Carlos Moreno Cabrera, Universidad Autónoma de Madrid (España)
Andrés Pociña, Universidade de Granada (España)
Eunice Ribeiro, Universidade do Minho (Portugal)
José Luís Rodríguez, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Marta Segarra, CNRS (Francia) / Universitat de Barcelona (España)
Sebastià Serrano, Universitat de Barcelona (España)
Ataliba T. de Castilho, Universidade de São Paulo (Brasil)
Telmo Verdelho, Universidade de Aveiro (Portugal)
Mário Vilela, Universidade do Porto (Portugal)
Roger Wright, University of Liverpool (Reino Unido)

Cadro de honra

Álvaro Porto Dapena (1940-2018), Universidade da Coruña (España)
José Luis Pensado (1924-2000), Universidade de Salamanca (España)
Rafael Lluís Ninyoles (1943-2019), Conselleria de Educació i Ciència,
Generalitat Valenciana (España)



Depósito legal/ C584/2000
ISSN/ 1576-2661
ISSN-e 2444-9121
Deseño/ Novagarda